

**A INTERTEXTUALIDADE EM NEGRINHA, DE MONTEIRO LOBATO:
Reflexões sobre a escravidão e o preconceito na narrativa**

Silvio Nunes da Silva Júnior*

Eliane Bezerra da Silva**

RESUMO

Esse texto discute as marcas intertextuais que norteiam a narrativa Negrinha, de Monteiro Lobato. Objetiva-se, para tanto, enfatizar no aparato teórico de discussão uma breve reflexão sobre o conto narrativo, expondo algumas concepções de autores da teoria literária: Athayde (1939), Bosi (1969), Passiani (2003), Gotlib (1995), Moisés (2003) e Benjamin (1993), seguindo com uma explanação da vida e obra de Monteiro Lobato na produção literária no pré-modernismo, como: Lajolo (1983), Barbosa (1996), Bettelheim (1980), Becker (2011) e Costa (2012). Dito isto, foi possível constatar que a visão ofensiva da patroa para com a negrinha era a mesma para com qualquer outro escravo da época, complementada pelo fato de que ela não poderia engravidar, portanto, não se importava com a prática preconceituosa nem com o dano que poderia causar à infância desmerecida.

Palavras – chave: Teoria Literária. Monteiro Lobato. Negrinha.

ABSTRACT

This text discusses the intertextual marks that guide the narrative “Negrinha”, by Monteiro Lobato. We seek to emphasize in the theoretical apparatus of discussion a brief reflection about the narrative tale, exposing some conceptions of authors of the literary theory: Athayde (1939), Bosi (1969), Passiani (2003), Gotlib (1995), Moisés (2003) e Benjamin (1993), following with an explanation of the life and work of Monteiro Lobato in the literary production in the pre-modernism, as: Lajolo (1983), Barbosa (1996), Battelheim (1980), Becker (2011) and Costa (2012). Thus, opening space to considerations about three pertinent aspects to the featured work: the slavery and the prejudice. That said, it was possible to observe that the offensive vision of the mistress towards Negrinha was the same towards any other slave at the time, complemented by the fact that she could not get pregnant, therefore, did not matter about the prejudiced practice, neither with the damage that could be in an underserved childhood.

Keywords: Literary Theory. Monteiro Lobato. Scaup.

* Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL e Bolsista PIBIC/FAPEAL. Palmeira dos índios, Alagoas, Brasil. E-mail: junnyornunes@hotmail.com

** Mestre em Letras pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Professora Assistente da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL e Orientadora do PIBIC/FAPEAL. E-mail: linebarros21@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O período escravocrata, no Brasil, durou alguns longos anos e, nesse período, deixou marcas que nunca serão apagadas das mentes de quem presenciou ou teve contato com a história do país nos anos que antecedem a lei áurea assinada pela Princesa Isabel, em 1888. Na literatura brasileira, a escravidão veio sendo tomada em pauta por alguns autores que, de acordo com a personalidade e o estilo, contribuíram com grande influência para a exposição de fatos contidos nas paredes das senzalas. Isto posto, esse trabalho reflete, através da intertextualidade literária, os aspectos sociais contidos na obra *Negrinha*, de Monteiro Lobato, que relata a difícil trajetória da criança negra que sofria os maus tratos da patroa e dona das terras onde residia.

Com base nisso, discutiremos primeiramente sobre o pré-modernismo e o texto narrativo nessa época, especificando autores de renome nessa escola literária, como também, o período e as causas da curta existência desta antes do modernismo propriamente dito. Posteriormente, a vida e obra de Monteiro Lobato começa a ser destacada no intuito de explicar as causas que o levaram a escrever os diversos textos infanto-juvenis e expor suas revoltas sobre os avanços do modernismo na sociedade brasileira.

Diante disso, abordamos, por meio das teorias de Samoyault (2008), a intertextualidade, analisando dois aspectos referentes ao texto: a escravidão e o preconceito, trazendo à tona algumas inquietações “não ditas” na narrativa, porém, que podem ser descobertas com outros olhares.

2 A NARRATIVA PRE-MODERNISTA

2.1 O Pré-modernismo

O período moderno chega a sociedade causando grandes mudanças em diversos aspectos que, em suma, tornaram-se importantes na história do Brasil, após diversas fases marcadas nas culturas até os dias atuais. Partindo da modernidade extrema que surge na sociedade no início do século XX, diversos autores literários focaram na crítica social, entrelaçando diversos questionamentos e revoltas próprias em forma de textos para todos os públicos.

No que tange os primeiros anos da década de 1920, o pré-modernismo prevaleceu a ponto de não ter sido considerado uma escola literária, por sua curta extensão e insuficiência de auto-

res para seguir o estilo nele empregado entre 1920, 1921 e 1922 até o fim da Semana de Arte Moderna. No entanto, o pré-modernismo é visto com importância por antecipar, mesmo que precocemente, os avanços impostos pelo modernismo posteriormente.

Nessa perspectiva, alguns autores tomaram destaque nessa época, seguindo para a escola moderna anos depois, assim como: Lima Barreto, Euclides da Cunha, Graça Aranha, Augusto dos Anjos e Monteiro Lobato; estes autores marcaram a literatura brasileira, criticando através de textos nos mais diversos gêneros literários a precarização e os aspectos positivos que a realidade pré-moderna estava causando na sociedade.

Tristão de Athaide assinala que o pré-modernismo foi um “momento de alvoreço intelectual, marcado pelo fim da grande guerra [1914-1918] e, entre nós, por toda uma ansiedade de renovação intelectual, que alguns anos mais tarde redundaria no movimento modernista” (ATHAYDE, 1939, p. 07). Dessa maneira, como uma época de antecipação, causou na literatura uma pequena apresentação do que seria o modernismo, tornando o impacto da escola seguinte significativamente menor do que se esperava. Alfredo Bosi complementa que “não penetrou no espírito das classes cultas senão muito superficialmente, deixando intacta a formação parnasiana dominante” (BOSI, 1969, p.12)

Dessa forma, as personalidades literárias que nortearam o período pré-modernista não pouparam esse curto movimento para produzir nos diversos gêneros. Porém, a narrativa ganhou destaque por corresponder as críticas dos autores na literatura de forma culta a ponto fazer alguns autores ousarem em produções direcionando os olhares para outros públicos, como Monteiro Lobato que, em 1922 publicou *Negrinha*, uma obra adulta que não se desprende da personalidade infanto-juvenil de Lobato.

3 MONTEIRO LOBATO: o ficcionista da realidade

Monteiro Lobato marcou a literatura com seu estilo infanto-juvenil e surreal. O autor nunca abriu mão de utilizar a ficção para descrever histórias fantásticas e totalmente fora dos padrões da realidade sem dar explicação sobre a natureza de tantos acontecimentos absurdos e propiciais a incríveis aventuras que atraem a todos os públicos.

No texto narrativo, Lobato se destacou a lançar a saga *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, que relatava a vida de crianças e idosos num sítio situado num local repleto de personagens da mitologia

folclórica como: Saci-Pererê, Cuca, Mula-sem-cabeça, Iara e outros, destaca-se também a presença de animais falantes e a incrível boneca de pano que fala, escuta e convive normalmente como um ser humano qualquer.

Dadas essas peculiaridades, Monteiro Lobato foi e sempre será considerado um ficcionista. Barbosa afirma que,

A insistência e o senso de oportunidade com que Monteiro Lobato intercala instrução e educação em suas narrativas, mesmo as menos propícias a inserções didáticas, revelam, desnudam, esclarecem sua preocupação de fazer de sua literatura para crianças e jovens um veículo de formação intelectual e moral. (BARBOSA, 1996, p. 85)

O cunho ficcional de Lobato ganha destaque, também, pela interface do real com o imaginário. Nas obras, o autor visa descrever situações reais que, na literatura infanto-juvenil, tornam-se educativas de suma contribuição para o senso crítico da criança e do adolescente, uma vez que a fantasia aprimora a compreensão das crianças, aproximando-se mais da maneira como vêem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas (BETTELHEIM, 1980).

Os contos de Lobato se caracterizam por uma linguagem apurada, rica e exata; por uma ironia fina e sábia; por um humor lucidíssimo; pela realidade viva dos personagens, dos quais alguns são tipos humanos e sociais criados com maestria; pelo realismo naturalista dos ambientes e situações. (BARBOSA, 1996, p. 48)

Visto isso, Becker considera que “Monteiro Lobato soube, como poucos, captar as idéias de sua época e construir uma obraliterária, muitas vezes incompreendida pelos intelectuais de sua geração” (BECKER, 2011, p.3). Mesmo pertencendo a época pré-modernista, Lobato era totalmente inverso as modificações impostas nesse período, assim, foi incompreendido por muitos críticos literários que, em muitas vezes, ressaltaram a complexidade de personalidade do autor. Costa (2012, p. 22) assinala que a aversão de Lobato para com a modernidade literária ocasionou no “[...] coro às vozes da grande massa de críticos, historiadores e professores de literatura brasileira no momento em que se debuxa a fisionomia do escritor no painel do sistema literário brasileiro na década de 1920”.

Os períodos pré e pós-modernos estiveram norteados por autores renomados que, sobretudo, valorizavam e acatavam as transformações sociais trazidas pela modernidade. Com isso, críticos de áreas como história e literatura expuseram em suas diversas teorias indagações sobre a

personalidade de Monteiro Lobato, dando grande enfoque ao modo em que encarava a realidade que, em parte, condenava brutalmente as obras de sua autoria. Visto isso, Lajolo faz referência as críticas a Monteiro Lobato, considerando a impossibilidade de analisar as obras Lobatianas, tomando como base o “metro exclusivo da aceitação ou rejeição polêmicas de posturas artísticas contemporâneas suas e que, aos olhos da crítica brasileira, parecem representar a única forma de rebeldia estética na pauliceia dos anos vinte” (LAJOLO, 1983, p.43).

Uma das questões que podemos destacar sobre a não importância das por Lobato vistas as críticas poderia ser a ineficácia de argumentos apresentados pelos diversos críticos, tendo em vista que, era através das obras que Lobato não media palavras para expor as suas principais indignações perante as transformações sociais, numa escrita leve e fictícia que atrai a todos os públicos.

Considerando os textos literários dos diversos autores modernistas, Monteiro Lobato destaca-se como um divisor de águas na literatura infantil, isto é, vista a importância dada por alguns autores aos fenômenos sociais ocasionando em textos diversos voltados para o público adulto, Monteiro Lobato traz à tona uma preocupação com a leitura por parte das crianças, trazendo assim, obras que marcaram a literatura brasileira, dando frutos nos estudos literários até mesmo nos dias atuais.

4 NEGRINHA

O conto ‘Negrinha’, de Monteiro Lobato, foi publicado pelo autor no período pré-modernista da literatura brasileira. Trata-se do primeiro trabalho de Lobato direcionado ao público adulto, dessa forma, surpreendeu a muitos que esperavam do autor apenas textos voltados ao público infantil. Lobato, nessa obra, buscou desbravar sua própria crítica a uma sociedade calada que não podia se manifestar, onde a população de escravos no Brasil era avassaladora, considerando também, que os mesmos não poderiam ser vistos como seres humanos no meio social, mas como “coisas” que aturavam incansavelmente o trabalho de extrema exigência corporal e sem retorno necessário para tamanho esforço.

Segundo Milliet (apud CAMARGOS; SACCHETTA, 2008, p. 11), a obra reúne “o melhor da safra de textos cada vez mais concisos, que se modernizam continuamente ao retratar o típico cotidiano brasileiro: ‘O humorismo e a psicologia unem-se em um estilo saboroso, rápido, elegante e claro’ ”. Observa-se, com isso, que Lobato planejava a publicação da obra adulta na

época mais incessante da era pré-modernista no intuito de impactar os leitores com um tema polêmico neste período.

Na obra em referência, diversas marcas discursivas cruzam os olhares dos leitores de forma específica e, para desvendá-los, necessitamos recorrer a raízes epistemológicas. Trata-se da intertextualidade no texto literário que, como define Samoyault (2008, p.14), deve

[...] considerar o texto independentemente de seu contexto, de maneira imanente, proibindo-se qualquer referência ao conteúdo ou às determinações exteriores. Essa mutação epistemológica, em que a palavra texto abandona seu uso corrente para tornar-se puro objeto teórico [...]

Da maneira em que a palavra vira objeto de estudo, propomos nesse tópico metodológico desvendar os processos intertextuais sobre três pontos pertinentes ao conto Negrinha, de Monteiro Lobato, assim sendo: a escravidão representada pela personagem principal; e o preconceito da pessoa negra no período anterior à lei áurea.

4.1 A escravidão

A escravidão no Brasil caracterizou-se pela exploração incansável de negros Africanos trazidos a este território pelos europeus, sendo estes os colonizadores da época. Os escravos foram utilizados, principalmente, para serviços agrícolas em terras dominadas pelos senhores dos cafezais, sempre supervisionados e castigados cruelmente por feitores contratados para supervisionar o trabalho dos escravos.

Nesse sentido, desde o nascimento, as crianças negras nascidas nas senzalas já tinham seus destinos traçados. Os homens trabalhavam nos cafezais no trabalho extremamente pesado de plantação e colheita, e as mulheres que não estivessem nos cafezais seriam levadas para o âmbito familiar dos senhores para cuidarem dos afazeres domésticos da casa. Com isso, estas crianças começavam a contatar com esta realidade desde cedo, principalmente as órfãs, que viviam sob os cuidados da mãe e da solidariedade dos outros escravos para sobreviver.

No conto Negrinha, Monteiro Lobato relatou a triste trajetória da menina negra que vivia numa fazenda de escravos e sofria os maus tratos da senhora viúva que em relações de poder, predominava naquela fazenda. O autor define Negrinha como “[...] uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.” (LOBATO, 2008, p. 18)

Sobre a senhora, Lobato destaca que era uma

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo. (ibidem, p. 18).

Uma senhora respeitada por todos, que escondia seu ódio por crianças debaixo do padrão social em que estava, sabendo da admiração que muitos a tinha. No decorrer do texto o autor apresenta algumas pistas importantes que podem explicar alguns dos motivos das agressões que a criança sofria, um deles – a escravidão.

Tendo a criança e os adultos como escravos, a patroa fazia alusão a duas características de Negrinha, o que ocasionava em agressões que nunca eram necessárias, assim sendo: a idade da criança e a posição social como escrava. Desse modo, não se deve considerar a causa das agressões apenas pelo fato da impossibilidade de a senhora ter tido filhos como destaca o autor.

No trecho a seguir, Lobato apresenta as agressões físicas que cercavam a vida de Negrinha.

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma – divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!. (idem, p. 20).

O ódio que a patroa sentia por Negrinha não está vinculado somente a idade, uma prova está na visita das sobrinhas a fazenda e o tratamento privilegiado da senhora com as crianças que vinham visita-la nas férias. Nessa perspectiva, outra discussão se torna pertinente a ser discutida, uma vez que a prática que prevalece no texto se direciona ao preconceito racial e social.

4.2 O preconceito

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve,

entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética *branca* dominante. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161, *grifos do autor*)

Antes de retomar a discussão iniciada no tópico anterior, consideramos necessário explicar o que assinala Proença Filho sobre a presença do negro na literatura Brasileira, o autor, nesse sentido, busca refletir sobre as diversas práticas que cercam a personagem negra nos estudos literários, desde as colocações até o preconceito.

A literatura brasileira é provém de uma trajetória antiga e, com isso, acompanhou as diversas fases da sociedade dessa cultura miscigenada. Desde a época do descobrimento, quando a população branca europeia tomou posse das terras brasileiras, o negro, representado pelos índios, já possuíam uma imagem considerada inferior pelas classes dominantes. Após esse episódio o país evoluiu, porém, apenas para os brancos, considerando que os negros continuaram no mesmo padrão no período da escravidão. Nos dias atuais, muito já se avançou, e o preconceito, para tanto, foi reduzido, no entanto, não abolido totalmente.

Visto isso, a obra em referência está norteadada em grande parte pela prática do preconceito, fazendo com que a vida da criança fosse caracterizada do seguinte modo.

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta. (ibidem, p.18)

Dessa maneira, observa-se que a prática preconceituosa da patroa atrofiou a infância de uma criança que já teria o seu destino traçado pela escravidão, com isso, o sofrimento estaria sendo antecipado. As lesões, assim, eram físicas e psicológicas tanto para Negrinha como para a mãe que calada acompanhava o sofrimento da filha nas mãos da patroa.

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. (ibidem, p.19)

Diante disso, alguns questionamentos surgem ao comparar a realidade explícita na obra com os direitos da criança e do adolescente atribuídos nos dias atuais, ou seja, as considerações feitas por Lobato no conto nos leva a discutir sobre diversos aspectos que seriam impossíveis de serem praticados na atualidade perante a lei.

No tópico a seguir faremos uma ponte de discussão entre a história de Negrinha com alguns artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente, percebendo que a personagem infantil, em suma, poderia ser desmerecida naquela época em que o domínio do país pertencia a família real e, sobretudo, necessitada de diversas reformas como as que são vistas nos dias atuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as informações contidas nesse artigo, foi pertinente vislumbrar as seguintes considerações finais:

O conto, como narrativa literária, possui suas características de ficção e outras peculiaridades, fazendo com que o leitor veja o meio em que está situado com diferentes olhares, entendendo o mundo de maneira mais natural e criando estratégias para se enquadrar de maneira mais plausível em cada aspecto.

O pré-modernismo, nesse sentido, veio como um aviso de que a sociedade tradicionalista iria começar a mudar e, para tanto, trouxe consigo diversos avanços que acarretaram num cruzamento extensivo de concepções de escritores literários no Brasil.

Monteiro Lobato, por muitos considerado um pré-modernista desprezado, como escritor, marcou a história da literatura por seu perfil multifacetado e surpreendente, adotando um estilo extremamente único que agradou desde o público infanto-juvenil, até o adulto.

No conto Negrinha, a escravidão, o preconceito foram aspectos que caminharam juntos para descrever a história de uma criança que carregou do início ao fim do texto as implicações de ter nascido pobre e negra. Isso nos faz refletir o quando avançamos como sociedade e o quanto precisamos avançar para abolir essas práticas com cada ser humano.

REFERÊNCIAS

- ATHAYDE, Tristão de. **Contribuição à história do modernismo: o pré-modernismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
- BARBOSA, Alaor. **O Ficcionista Monteiro Lobato**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BECKER, N. C. **A contemporaneidade de Monteiro Lobato**. Fronteiraz (São Paulo), v. n. 6, p. n. 3 - p. 1-13, 2011.
- BENJAMIN, W. O Narrador. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. 5. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BETTLHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BOSI, Alfredo. **A literatura brasileira: o pré-modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. O polemista do conto. In: _____. **Negrinha**. São Paulo: Globo, 2008. p. 10-14.
- COSTA, Bianca Campello Rodrigues. **Monteiro Lobato, um modernista desprezado**. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2012, 187p.
- GOTLIB, Nadia B. **A teoria do conto**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- LAJOLO, M. A modernidade em Monteiro Lobato. In: ZILBERMAN, R. **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 41 - 49.
- LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Globo, 2008.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária Prosa**. São Paulo: Editora Cultrix, 2009.
- PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- PIEROBON, Camila. Nikolai Leskov: o narrador de Walter Benjamin. **Revista de Ciências Sociais (UFC)**, v. 44, p. 263-269, 2013.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, v.18, p. 161-193, 2004.

SAMOYAULT, T. **A intertextualidade**. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.